



A África no Brasil

A África aparece nas narrativas primeiramente como referência de ancestralidade. Neste sentido, nas narrativas selecionadas, a memória da África e do africano aparecem associadas à noção de um avô/avó "escravo" e "estrangeiro", contrapondo-se a pais "brasileiros", quase sempre lembrados como "ventre livres". Esta memória genealógica corresponde bem à experiência dos últimos escravos das áreas cafeeiras, em geral descendentes de escravos africanos chegados ao Brasil na primeira metade do século XIX, e que viveram o impacto simbólico da chamada Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro de 1871.

A minha bisavó, a mãe da minha vó, chamava Regina. Ela veio lá da Angola e a gente não entendia bem quando ela falava. Chamava Vó Regina, vovó velha. Tinha vovó moça e vovó velha. Chamava Regina, eu me lembro. Às vezes ela falava e a gente não entendia. Ela falava o português correto, mas tudo pela metade. Coitada, não sabia. Mesmo assim, a gente conversava muito com ela. Eu me lembro que numa ocasião, numa festa que teve em São José, ela contou que comprou a senzala. Ela comprou a senzala por quarenta mil réis, quando acabou a escravatura.

Ela era do cativo. Ela era a verdadeira escrava, que veio vendida, comprada aqui pro Brasil. Naquele tempo, tinham os mercadores de escravo. Eles, os portugueses, traziam os escravos de lá para cá, entendeu? Vendiam e ainda faziam isso escondido. O que tinha a perna mais fina valia mais. O que tinha pé chato valia menos; igual meu pé assim, pé de pato, tipo prancha, cansava mais. Esses ficavam na cozinha. Agora, aqueles que não pisavam a sola do pé direito, que o pé tinha volta, esses trabalhavam mais. Era assim a escolha. Pagavam mais por

esses. Agora, aqueles outros, era só pra cozinhar, porque cansava mais.
(CORNÉLIO CANSINO, RJ, 82 anos, 09/05/1995)

Meu avô era africano. Quando ele queria que a gente entendesse o que ele falava, a gente entendia, quando ele não queria, falava uma porção de coisas que a gente não entendia nada.(...) (IZAQUIEL INÁCIO, RJ, 72 anos, 19/09/1994)

Meu pai e meu avô foram escravos. Os dois foram escravos. Eles vieram da África...da África do...Sul, lá da África, do Carijó. Lá, lá tinha o nome de Carijó onde eles moravam. Era um lugar pequeno, o pessoal foi vendido para cá. Naquele tempo, a gente era vendido. Botavam a ver assim no porto, botavam muito brinquedo pro pessoal ver, aí entrava aquele pessoal... que vendia, chamava concho, aí levava o pessoal pro navio. Quando entrava no navio, ele estava cheio, aí eles mandavam seguir o navio e eles não sabiam onde estavam mais. Quando chegava no Rio de Janeiro eram trocados igual a boi. Eram vendidos pra cá, pra essas fazendas; Fazenda do Conde. O maior fazendeiro dessa região era o Conde de Nova Friburgo.

Meu avô foi vendido da África, aí veio pra roça, pra Fazenda de Areia, fazendão. Minha avó também veio da África. Não sei se vieram de lá casados. Primeiro vieram uns, depois vieram outros. Minha avó veio na frente. Só depois de um ano é que veio meu avô e ela já estava aí. Eles vendiam separados, às vezes não vinha todo mundo junto não.

O pai do meu pai chamava Elias. Elias Muchambis, Muchamidis, Muchambis. Minha avó chamava Ambrosina.

Por parte de mãe eu conheci todos os meus avós. Eles não chegaram a ser escravos não. Por parte de mãe, eles não foram escravos, eles nasceram aqui, houve o ventre-livre. Lei do Ventre-Livre. Quem nasceu aqui ficou sendo libertado.

Meu pai e meu avós paternos devem ter vindo em 1840 mais ou menos. Meu pai nasceu em 1839. Minha avó por parte de mãe não foi escrava não, foi libertada também, foi filha natural dessa gente, foi libertada. Ela não chegou a ser escrava não. (S. Julião, RJ, 81 anos, 27/10/95)

Meu pai era cearense de Fortaleza. Minha mãe não, minha mãe era nascida aqui em Petrópolis, mas era filha de um negro da Costa. Filha de um negro da Costa da África. Africano, ela falava que ele era africano. Ele era africano mesmo, da África. Foi apanhado lá. Naquele tempo do cativo, eles iam apanhar a gente pobre na África. Pessoal que fez o Brasil foi os africanos. Roubados lá da África. Porque eles eram tudo bobo, era gente boba, chegavam lá, apanhavam criança, apanhavam tudo dos outros. Meu avô era Bento Monjola. Monjola é uma parte que tem na África, que a pessoa que nasce lá é Mina. Aqui é fluminense e quem nasce no Espírito Santo é capixaba. Eu sou mineira, nasci em Minas. Ele era monjola. Bento Monjola. (C.M.S., E.S., 75 anos, 04/07/1995)

Contavam os meus avós, que os avós deles vieram pegados da África. Naquela época, eles residiam em Moçambique. E lá entraram os portugueses, para pegar pra trazer como **escravo**. Eles residiam em Moçambique. Eu acho que, do modo que eles contavam, que era numa tribo. Era uma casa pegada entre outras, coberta de sapé. E, então, como eles sabiam que podiam ser pegados para vir pro Brasil, eles chegavam de noite e fechavam a porta. E aí os portugueses vieram e incendiaram a tribo. Quando eles viram a tribo incendiada, saíram gritando, e ali foram pegados os meus bisavôs e bisavós. Foram pegados e amarrados. Trouxeram eles dentro do navio negreiro. E assim vieram pro Brasil. Chegando aqui, eles foram leiloados. Foram arrematados como prenda pelos fazendeiros e vieram residir nessa fazenda do José Alves Lima. Os meus avós ali viveram como escravos. Aí vieram os meus pais e depois eu. Eu conheci meus avós, eles eram descendentes de Moçambique. Meu pai contava do bisavô dele. Chegava de noite no tempo de frio faziam fogo pra esquentar... Ficava tudo sentado assim em roda do fogo, ficava aquele mundo de... netaiada de preto, e então aqueles avós, que tinham vindo da África, começavam a contar história da África. E contavam pros netinho que lá na África tinha um bicho que chamava elefante, e que era do tamanho da casa que branco mora. Aí... um dizia: “Ih!” Aí um dizia: “Lá na minha terra tem um bicho que chama elefante, e é do tamanho de um boi.” O outro dizia: “Tamanho de um boi! Tamanho da casa que esse branco mora!” . Aí outro dizia: “O elefante da

minha terra, quando ele urina, quem está lá embaixo roda na urina!” . Começavam a contar aquelas bobiciada da terra deles, pra netaiada, e os netinhos acreditavam. E os netos eram o meu pai e os outros meninos. Eles que escutavam o que os avós contavam de lá. Diz que lá na terra que eles moravam quem tinha um olho era rei. Quem tinha um olho só era rei. Ele contava pra nós e falava: que gente mentirosa, contar que tinha homem de um olho só! E foi indo, foi indo, agora numa história, tem mesmo viu? Tem o homem que tem um olho só. Não sei o que é aquela descendência de gente. Os meus pais não foram escravos. Acho que eles foram ventre livre. O puro mesmo é aquele que veio da África. Meus bisavós vieram de Moçambique. Contam que ficavam entre eles, conversando a língua deles, quando o senhor via que eles estavam conversando na língua africana, gritava! Não era para falar mais. Tiveram que perder a língua a força. Não era para falar mais, então falavam escondido. Quando queriam conversar na língua deles, conversavam escondido. Diz que ficavam olhando assim: “Senhor, olha o senhor lá!” E aí tinham que falar português, que eles não sabiam direito. Meu pai contava muito dos avós, mas não falava africano. Alguma palavra, ele contava pra nós que era em língua africana, mas não falava mais nada. Não deixaram, foi proibido falar para os filhos não aprender. Os que vieram de lá não tinham licença pra ensinar os filhos. Fizeram mesmo que acabasse a língua. (Benedita, SP, 80 anos, 15/08 e 16/08/1987)

Minha avó veio do congo Belga que hoje é o Zaire. Ela veio com quinze anos num navio negreiro, e um português com nome Joaquim, no Rio de Janeiro comprou ela. Ela foi morar com esse português e daí nasceu minha mãe, filha do português com a minha avó. Nasceu na Ponta do Caju, minha mãe não cansava de contar isso. E daí vieram para Paraty, minha mãe e a minha avó vieram para Paraty empregadas de uma família lá do Rio de Janeiro. Foram para Paraty e depois vieram para Cunha (José Veloso Sobrinho, SP, 70 anos, 16/07/1987)

A minha mãe não foi escrava. A mãe dela foi escrava. Ela falava que a mãe dela era filha de africano... É, a mãe dela era filha de africano. Depois ela casou com o meu avô, que era o pai da minha mãe. E ele era de um sinhô e ela era de outro

sinhô. Ela era muito geniosa e ela conta que o senhor do meu avô comprou ela. Daí ela passou a ficar com o meu avô, com a família dos Mendes. A minha mãe já não foi escrava, já nasceu liberta. (Maria Lopes Dionísio, SP, 84 anos, 22/11/0987)

À violência senhorial, o escravo respondia com feitiço, engendrando um vingança simbólica do oprimido sobre o opressor fortemente presente nas narrativas familiares. Especialmente os africanos aparecem com poderes sobrenaturais, capazes de reverter na prática sua situação de submissão.

Meu avô alcançou o fim do cativo, minha avó não. Meu avô já morreu há muitos anos...meu avô veio da África...ele e mais outro, um companheiro dele que chamava “Camisa Preta”, eles eram africanos legítimos! Eles passavam no caminho e ninguém via eles, eles iam trabalhar na fazenda e a enxada trabalhava sozinha e eles voltavam pra casa...tempo bravo, né? Mas eles não trabalhavam não, quem trabalhava era a ferramenta deles. Eles tinham magnésio, magnésio...eles não trabalhavam não, todos os dois. Devia ser alguma coisa ruim que eles tinham, algum troço ruim. Era reza brava. Eles tinham. E os fazendeiros não descobriam nada. Essa era a lei da África...aqui não tinha isso não. Candomblé é maior da África pra cá. Por causa do cativo mesmo, aqui não havia candomblé, só lá na África...Quem vinha lá da África fazia qualquer barulho e o fazendeiro não notava....Se dessem uma coça no escravo, quem tomava a coça era a patroa. O escravo não sentia dor nenhuma....quem sentia a dor era a patroa. Eles usavam magia, magia negra....o escravo não sentia um beliscão de dor....podia bater nele...quem sentia dor pra morrer era a patroa da fazenda.

Quando eles queriam passar num lugar assim...os fazendeiros não viam eles. Eles passavam e ninguém via ...Eles botavam uma folha de mato no caminho e botavam um feitiço pros fazendeiros não ver. Eles passavam e ninguém via. Eles ficavam o dia inteiro a toa e o fazendeiro não via. A dor passava pra patroa, pros filhos da patroa. Podia pegar nele, mas quem sofria a dor era ela...a filha do fazendeiro, a mulher do fazendeiro, é quem sofria a dor.. Eles mesmo não sofriam nada. Era magia negra mesmo, magia negra da África. Isso não tinha aqui não,

porque quem trouxe foi eles de lá. Eles eram africanos puros. (S. Julião, RJ, 81 anos, 27/10/95)

Os antigos contavam que a vida na época do cativo era muito prejudicada. Os negros tinham que trabalhar direitinho porque senão apanhavam. Então, dizem eles, não sei se isso é conto ou se é verdade, que os negros quando chegava de noite, às vezes queriam levantar mais tarde no dia seguinte. Aí faziam uma roda e começavam a cantar e coisa, e diz que o senhor dormia até meio dia e eles ficavam ali. (M.O.B, ES, 11/10/1994)

Ele contavam muita coisa do tempo do cativo. Dizia que as negas lá tinham os filhos e botavam no forno pra assar. Quem contava isso era nossa mãe...ela dizia que marcavam os escravos com ferro quente. Dizia que tinham que ficar trabalhando...hoje em dia a gente está com tudo e não tá prosa! Tinha um lugar que chamava Lagoa Bonita e lá tinha uma roça de arroz. Então diz que o senhor disse assim: “Bota essa negada toda pra cortar o arroz que vem chuva! Vem chuva! Larga o chicote!”. Uma mulher escrava estava sentindo dor pra ganhar criança. Ganhou a criança lá e lá mesmo ficou. Teve que ficar cortando arroz! Botou um pano lá no chão e ficou lá. Aí diz que falavam assim: “Ô, senhor, tem uma dona que ganhou criança, não pode ficar aqui”. E ele respondeu: “Não, tem que cortar arroz!”. Ó, disse que veio aquela tempestade, ó, inundou tudo. Inundou a fazenda, inundou tudo. Disse que virou água pura. (V.M, ES, 26/06/1993).
